

Txai, Projetar com Agroecologia: Iniciativas, Experiências e Desafios

Waldemir Carneiro de Albuquerque Neto¹
Luiz Antônio da Silva Soares²

¹ Estudante, UFRPE, carneiro7437@gmail.com

² Estudante, UFRPE

“TXAI, mais que amigo, mais que irmão, é a metade de mim que existe em você, é a metade de você que habita em mim. Apenas quatro letras. E quando, alguém te chama de TXAI, essa pessoa tá pronta pra dar a vida dela no lugar da sua, se for o caso.” (Milton Nascimento, 2006)

Resumo

Este texto tem como objetivo demonstrar algumas iniciativas que primam pela troca de experiências e saberes apreendidas pelos estudantes da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) pautadas na abordagem da ciência agroecológica. Isto posto, teremos como referência as práticas iniciadas no Txai - grupo de estudantes que buscam por meio de investigações, encontros e vivências trocar conhecimentos acerca de conceitos e práticas da Agroecologia – sendo essas feitas, por sua vez, através de encontros, leituras, oficinas, feiras e intervenções a campo onde essas atividades são ou serão contempladas. Portanto, o objetivo do Txai é aprimorar os conhecimentos a partir de práticas de extensão acreditando ser relevante tanto para o profissional, quanto para o cidadão, na medida em que os questionamentos acerca da transição agroecológica são postos em evidencia. Deste modo, o texto que se segue fará abordagens dos caminhos e desafios percorridos pelo grupo diante do esforço em se adotar novos aprendizados de educação fundados na Agroecologia.

1- Introdução

A partir da tomada de conhecimento das abordagens pautadas nos princípios agroecológicos e da urgência dessa ciência para a superação das crises ambientais, educacionais, políticas e culturais que vivenciamos, tornou-se oportuno unir conhecimentos no intuito de trocar experiências e vivenciar saberes. Foi assim que surgiu o Txai, assim denominado por carregar consigo significados poéticos e inspiradores. O Txai nasceu a partir da interação de estudantes no GEAC no NAC (Grupo de Estudos em Agroecologia e Campesinato/Núcleo de Agroecologia e Campesinato/UFRPE) estudantes intercambistas e de outras universidades, em maio de 2012. A iniciativa teve como intuito fomentar a intercessão de interesses baseados em pensamentos críticos advindos de experiências anteriores, seja de movimentos individuais ou coletivos.

As

intenções norteadoras tiveram como principal força a superação da atual crise na educação que,



fragmentada, se desvincula do ensino, da pesquisa e da extensão, se afastando, portanto da interdisciplinaridade. Sendo assim, enxergamos que a partir da construção e integração entre os diversos segmentos da sociedade com os conhecimentos da Agroecologia haverá uma superação das já mencionadas crises, sendo relevante, portanto, adotar critérios que almejem elevar o sistema educacional ao seu nível e grau de importância.

Sendo assim, o Txai se embasa no movimento intelectual crítico e dialógico, na ciência formal e não formal, na compreensão e interpretação, - levando em conta que não há um pensamento único – tendo como princípios norteadores as dimensões que compõem a sustentabilidade, segundo a abordagem de desenvolvimento sustentável de Costabeber e Caporal (2003). Essas dimensões são de ordem ecológica, social, econômica, cultural, política e ética onde depositamos nelas nossa atenção para assim desenvolver perspectivas de forma a convergir ao nosso objetivo de participação nas condutas da transição agroecológica. Logo, o objetivo deste trabalho é relatar os valores e princípios que orientam o grupo Txai na UFRPE, pautados nas trocas de experiências e saberes, bem como, apontar contribuições e possíveis encaminhamentos de práticas integradoras com a comunidade acadêmica e diversos segmentos da sociedade. Assim, ao decorrer do texto será sistematizado os elementos que constituem as bases para a compreensão das dimensões do fenômeno da educação em Agroecologia do ponto de vista que a coloca como uma "matriz disciplinar integradora de saberes, conhecimentos e experiências de distintos atores sociais, dando suporte a emergência de um novo paradigma de desenvolvimento rural" (Caporal, Costabeber, Paulus, 2006).

Para tanto, almeja-se diante dessa construção trazer subsídios para que o Txai se transforme num espaço de vivência integrado com os conhecimentos adquiridos pelos cursos afins, ou mesmo de pessoas desvinculadas da universidade, mas que se interessam ou querem melhor conhecer, de maneira mais lúdica, algumas práticas inseridas na ciência agroecológica. Sendo assim, em nosso pouco tempo de vida, já desenvolvemos oficinas culturais e de bioconstrução, pesquisas participativas através dos Diagnósticos Rurais Participativos (DRP) e encontros, a exemplo do Encontro Afirmativo: Permacultura, Agroecologia e Economia Solidária, realizado em junho de 2012, com a participação de estudantes e professores da UFRPE, profissionais do SERTA e técnicos dedicados à medicina popular.

2- O Txai como movimento de apoio à compreensão das bases agroecológicas

Partindo dos princípios da solidariedade, ajuda mútua, autonomia, autosuficiência e sustentabilidade, assim como, da igualdade e dos direitos entre homens e mulheres, buscamos pautar nossas discussões e integrações. Logo, compreendemos que as decisões devem ser



construídas na autogestão, onde há necessidade de que todos se apropriem dos processos e (re)criem estratégias e práticas criativas de construção do conhecimento agroecológico de forma horizontal transparente e coletiva. Um espaço, onde todos tenham o mesmo valor e voz nas tomadas de decisões, tornando-se possível assim, o espírito de cooperação: ação conjugada através da qual nos unimos, visando objetivos comuns (PIRES, 2004). Entende-se que as condutas acima descritas são altamente relevantes, pois, a partir da compreensão que a educação no Brasil, está sendo condicionada pelos reflexos “neoliberais”, pois, como afirma Groppo (2006) em referência as Universidades públicas, observa-se que:

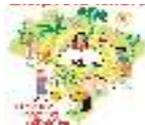
o pensamento científico ocidental e as bases epistemológicas são aportados pela lógica racional, cartesiana e disciplinar, espaço da negação a emancipação. Assim também, não favorecem, vai contra a promoção do diálogo entre os distintos conhecimentos étnicos (GROPPO, 2006. P. 7-27).

Assim, vê-se que a educação no Brasil vem se caracterizando como um modelo educacional antidialógico, o que se contrapõe a visão de Freire (1977, p. 43), pois, segundo ele, “ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não sloganizar. Ser dialógico é empenhar-se constantemente na transformação da realidade”. Deste modo, ainda parafraseando Freire, ao qual é um dos pensadores que estimulam e inspiram nossas atitudes, pensamos que a transformação é um direito, onde "cabe a quem muda exigir o pensar certo" (*Ibid*, p. 42) assumindo, portanto, a mudança operada. Porém é oportuno frisar que o pensar certo deve ser corporificar no exemplo, onde o ensinar e pensar não deve ser tomado em si mesmo, e sim deve ser vivido enquanto dele se fala, tendo assim, experiências vivenciadas, testemunhos. Logo o pensar não é transferido e sim praticado, sendo,

dialógico e não polêmico. A experiência histórica, política, cultural e social dos homens e das mulheres jamais pode se dar "virgem" do conflito entre forças que obstaculizam a busca da assunção de si por parte dos indivíduos e dos grupos e das forças que trabalham em favor daquela assunção. A formação docente que se julgue superior a estas "intrigas" não faz outra coisa se não trabalhar em favor de obstáculos. A aprendizagem da assunção do sujeito é incompatível com o treinamento pragmático ou com o elitismo autoritário dos que se pensam donos da verdade e do saber articulado." (FREIRE, 1996, p.42)

No nosso esforço de adequar as reflexões às teorias e estudos que se dedicam a respeitar e pontuar os trajetos a serem percorridos para uma "educação" que leve em conta os preceitos da transição agroecológica, houve vários encontros com as pesquisas de Guterres (2006) onde afirmamos a importância da compreensão de seus apontamentos, do "começar pequeno" (*Ibid*, p.17), da comunicação com clareza, da recuperação dos solos e abordagens afins.

Assim, nosso trabalho acontece na superação deste modelo de educação que abrange não somente a educação letrada, alfabetizada e acadêmica, e sim a educação de condutas mais respeitadas com o manejo do solo, com as relações sociedade-natureza e como essas podem ser aprendidas dentro do espaço comum da Universidade bem como com comunidades de



agricultores familiares, assentados, entre outros. Para melhor demonstrar nossas atividades, apresentamos algumas fotos no final do texto.

No tópico subsequente, tentaremos pontuar alguns de nossos ensejos e desafios a serem enfrentados, buscando elucidar de maneira coerente com as discussões a que foram até aqui propostas.

3- Desafios e apontamentos

Sem, obviamente, ter a pretensão de concluir, pois, como já exposto, somos um grupo que está se articulando há apenas um ano, vamos tentar pontuar algumas de nossas expectativas, dificuldades e desejos, para que o Txai continue com seus objetivos integradores e de extensão. Pontuaremos questionamentos que ainda não tem resultados, pois, trata-se de construções e reflexões balizadoras do nosso projeto:

- i- o Txai surge da iniciativa de um grupo de estudantes que se interessam pela ciência agroecológica. Porém, ainda falta uma maior integração e nível de organização com a comunidade acadêmica, sendo, portanto, necessário buscar esses caminhos integradores;
- ii- articular uma área fixa de atuação, transformando o Txai num EVA (Espaço de Vivência Agroecológico);
- iii- buscar mecanismos de captação de recursos para a realização de oficinas para a população (dando ênfase nos trabalhadores rurais) de práticas da bioconstrução, permacultura, manejo ecológico do solo, bem como, troca de saberes sobre como tais populações lidam com os desafios cotidianos;
- iv- formalizar o grupo enquanto um Espaço de Vivência.

A partir disso, ensejamos que o Txai participe de espaços que discutam a Agroecologia para assim adquirir mais conhecimentos, bem como mostrar seus caminhos e agregar pessoas que se interessam pelas abordagens já descritas e que queiram contribuir para o nosso projeto que acreditamos ser relevante a toda sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CAPORAL, Francisco; COSTABEBER, José; PAULUS, Gervásio. **Agroecologia: Matriz disciplina ou novo paradigma para o desenvolvimento rural sustentável**. Brasília, 2006. III Congresso Brasileiro de Agroecologia, Florianópolis, SC, 17 a 20 de outubro de 2005)

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

_____, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996

PIRES, Alexandre; LIMA, Irenilda. **A abordagem agroecológica na extensão rural: ferramenta político-metodológica para reflexões sobre o desenvolvimento local**. In:



Extensão rural e desenvolvimento local: uma proposta metodológica para a relação teoria e prática. Recife: EDUFRPE, 2012

GROPPO, Luís Antônio. **Autogestão, Universidade e Movimento Estudantil**. São Paulo: Autores associados, 2006.

NASCIMENTO, Milton. **O que significa TXAI?**. DVD Pietá, 2006.

GUTERRES, Ivani. **Agroecologia Militante: contribuições de Enio Guterres**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.



Encontro de discussões e elaboração de DRP no Assentamento Rural Jaboatãozinho-Moreno. Grupo Txai e Projeto Saúde Coletiva no Campo-MST (UPE, UFPE). Acervo do autores:10/2012



Integrante do Txai em Oficinas de Bioconstrução e práticas ecológicas de cultivo do solo(mulche). Acervo dos autores: 05/13



Símbolo criado por Danilo Mota em reuniões. Acervo dos autores: 06/2012